

REENCONTRO
literatura

Mark Twain

O príncipe e o mendigo

Tradução e adaptação de

Cláudia Lopes

Ilustrações de

Luís Gê



editora scipione

Gerência editorial
Sâmia Rios

Edição

Maria Cristina Carletti

Assistência editorial
Dulce S. Seabra

Preparação
Ana Curci

Revisão
Daniela Bessa Puccini,
Fernanda Bottallo e
Gislene de Oliveira

Coordenação de arte
Maria do Céu Pires Passuello

Diagramação
Carla Almeida Freire

Programação visual de capa e miolo
Didier Dias de Moraes

Edição eletrônica de capa
Wladimir Senise



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7.221
Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
www.aticascipione.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br

2017

ISBN 978-85-262-8224-7 – AL

ISBN 978-85-262-8225-4 – PR

Cód. do livro CL: 737787

CAE: 261724

3.^a EDIÇÃO
10.^a impressão

Impressão e acabamento

Traduzido e adaptado de *The prince and the pauper: tale for young people of all ages*. Nova York: New American Library, 1964.



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Twain, Mark, 1835-1910.

O príncipe e o mendigo / Mark Twain; adaptação em português de Cláudia Lopes. – São Paulo: Scipione, 2001. (Série Reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Lopes, Cláudia. II. Título. III. Série.

98-1266

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger
e impresso em papel Offset 75g/m².

SUMÁRIO

<i>Quem foi Mark Twain?</i>	5
Capítulo 1 – O nascimento do príncipe e do mendigo	9
Capítulo 2 – O encontro de Tom com o príncipe	11
Capítulo 3 – Começam os sofrimentos do príncipe	17
Capítulo 4 – No palácio	18
Capítulo 5 – Tom aprende coisas novas	22
Capítulo 6 – A primeira refeição real	26
Capítulo 7 – O enigma do Sinete Real	27
Capítulo 8 – Offal Court	29
Capítulo 9 – O banquete	33
Capítulo 10 – O príncipe e seu protetor	35
Capítulo 11 – O desaparecimento do príncipe	39
Capítulo 12 – O rei está morto – Viva o rei!	41
Capítulo 13 – Fou-Fou I	46
Capítulo 14 – O príncipe no meio dos vagabundos	51
Capítulo 15 – O príncipe e o arcanjo	56
Capítulo 16 – Vítima de traição	63
Capítulo 17 – A prisão do príncipe	67
Capítulo 18 – A fuga	69
Capítulo 19 – O Solar de Hendon	70
Capítulo 20 – Renegado	75

Capítulo 21 – Na prisão	78
Capítulo 22 – Para Londres	81
Capítulo 23 – Os progressos de Tom	82
Capítulo 24 – O desfile da aclamação	84
Capítulo 25 – A Coroação	87
Capítulo 26 – Edward, rei	96
Capítulo 27 – Justiça e recompensa	102
<i>Quem é Cláudia Lopes?</i>	104

QUEM FOI MARK TWAIN?

Mark Twain, cujo verdadeiro nome era Samuel Langhorne Clemens, nasceu na Flórida, uma cidade no estado do Missouri, nos Estados Unidos, em 30 de novembro de 1835. Passou sua infância em Hannibal, às margens do rio Mississípi, sonhando que um dia seria barqueiro.

Depois da morte de seu pai, em 1847, quando tinha 12 anos, foi aprendiz de tipógrafo, mas logo começou a colaborar como redator para o *Hannibal Journal*, que seu irmão Orion acabara de comprar. Portanto, sua carreira de escritor começou muito cedo.

De 1853 a 1857, ele trabalhou como tipógrafo em Nova York, Filadélfia, St. Louis e Cincinnati, correspondendo-se com o jornal de seu irmão sob vários pseudônimos. Nessa época, decidiu conhecer as nascentes do Amazonas e vir para o Brasil, tentar fortuna. Já estava quase partindo quando conheceu um barqueiro que lhe ensinou a difícil arte de pilotar; abandonou a ideia da viagem para realizar seu velho sonho.

Durante quatro anos foi piloto de barco no rio Mississípi, vivendo em contato com pessoas de todas as espécies, idades e categorias sociais, como também com os costumes e lendas da sua terra, assim guardando as impressões e lembranças que mais tarde fariam parte integrante de sua obra.

Em 1861, Twain partiu para o Oeste americano. Depois de algumas tentativas malsucedidas de mineração de ouro e prata, voltou a escrever, esboçando histórias imaginativas e engraçadas, usando o pseudônimo de "Josh". Como era apaixonado pelo rio Mississípi, a partir de 1863 adotou o pseudônimo de Mark Twain, por causa do grito dos barqueiros quando anunciavam que a marca da profundidade da água era segura para a navegação das barcas.

Em 1865, aos trinta anos, conseguiu fama nacional com sua história “A célebre rã saltadora do Condado de Calaveras”. No ano seguinte, viajou para o Havaí, onde coletou material para a primeira palestra que faria ao voltar. Teve uma longa e bem-sucedida carreira como conferencista. Depois, viajou para o Mediterrâneo e a Palestina. Nessas viagens, colheu o material para *Inocentes em viagem*, de 1869.

Mark Twain casou-se com Olivia Langdon, de Elmira, Nova York. Mudaram-se para Hartford e, em 1871, ele abandonou o jornalismo e passou a dedicar toda sua atenção à literatura. Em Hartford, e nos verões em Elmira, ele produziu alguns livros, entre os quais *As aventuras de Tom Sawyer* (1876), sua clássica narrativa da infância.

Sua permanência de 1878 a 1879 na Europa inspirou *O príncipe e o mendigo* (1882), seu primeiro romance histórico. Enquanto isso, terminou *Life on the Mississippi* (1883) e, depois de estabelecer sua própria empresa, Charles L. Webster and Co., publicou em 1884 sua obra-prima, *As aventuras de Huckleberry Finn*.

Seu envolvimento cada vez maior com problemas financeiros fez com que se mudasse para a Europa em 1891. Mas Twain foi obrigado a declarar falência. Durante esse período, apresentou uma série de trabalhos. Em 1895, embarcou em uma viagem de conferências pelo mundo.

Embora sua situação financeira tivesse melhorado rapidamente, uma pressão e uma tristeza maiores vieram com as mortes de sua filha Susy, em 1896, e de sua mulher, em 1904. Seus trabalhos tornaram-se pessimistas como jamais haviam sido. Depois de sua morte, em 1910, foram publicados *O forasteiro misterioso* e *Autobiografia*, ambos de crítica violenta e revoltada à sociedade norte-americana e seu puritanismo.

Ele atingiu fama mundial durante sua vida como escritor, conferencista, e humorista. Desde sua morte, sua esta-

tura literária aumentou ainda mais, com escritores do porte de T. S. Eliot, William Faulkner e J. D. Salinger, rendendo homenagens a *Huckleberry Finn* e reconhecendo explicitamente ter ele influenciado fortemente toda a literatura norte-americana posterior. Ernest Hemingway afirmou: “Toda a literatura moderna americana vem de um único livro, *Huckleberry Finn*, de Mark Twain. [...] É o melhor livro que já tivemos, toda a escrita americana vem dele. Antes não houve nada. Depois, não houve nada igual”.



*L*ado a lado, os dois olharam seu reflexo no grande espelho, depois viraram-se de frente um para o outro, olharam para o espelho outra vez e novamente um para o outro. Então o Príncipe Edward Tudor falou:

– Nós somos iguais! O cabelo é idêntico, os mesmos olhos!

– Eu já tinha percebido... Mas achei que estava maluco; eu, Tom Canty, um mendigo, parecido com Vossa Alteza, o Príncipe de Gales...

– Parecido? Idêntico! Temos a mesma voz, também! E o rosto igual, a mesma altura! Só as roupas são diferentes! Se alguém nos visse agora, não saberia quem é um e quem é o outro.

O príncipe, com as roupas sujas e rasgadas do mendigo, e Tom, vestindo o maravilhoso traje do príncipe, olhavam boquiabertos para o espelho. Mas, como teriam eles se encontrado e por que teriam trocado as roupas? Voltemos para o início desta incrível história, que se passou há cinco séculos, no reino da Inglaterra...

Capítulo 1

O nascimento do príncipe e do mendigo

Num dia de outono, toda a cidade de Londres entrou em festa. Pessoas que mal se conheciam abraçavam-se e beijavam-se nas ruas. Foi feriado geral: ricos e pobres dançavam e cantavam.

O motivo de tanta alegria é que nascera o Príncipe Edward Tudor, o filho do Rei Henrique VIII. No palácio, o bebê, vestido de cetim e seda, dormia tranquilo em seu berço de ouro.

Naquele mesmo dia, no seio de uma família muito pobre, nascera um outro bebê de quem ninguém falava: Tom Canty.

Passaram-se alguns anos. Na época, Londres tinha cem mil habitantes, sendo, portanto, uma grande cidade. Num beco chamado Offal Court, em um bairro de ruas tortas e sujas, morava a família de Tom. Ocupava um cômodo só, que servia de quarto, sala e cozinha, em uma casa – na verdade, um cortiço – onde moravam muitas outras famílias pobres.

Pai e mãe dormiam numa espécie de colchão, no canto. Tom, duas irmãs gêmeas e a avó não tinham lugar certo: dormiam pelo chão, onde amontoavam um pouco de palha.

As gêmeas eram imundas, maltrapilhas e muito, muito ignorantes; mas, como a mãe, tinham bom cora-

ção. Já o pai e a avó eram dois demônios: bebiam tanto quanto podiam e então brigavam com tudo e com todos. Viviam reclamando e xingando. O pai, John Canty, era ladrão. Como não conseguia fazer com que os filhos roubassem, obrigava-os a mendigar.

No mesmo cortiço, destoando dos demais moradores, vivia o Padre Andrew, que fora despedido pelo rei com uma miserável pensão. Como gostava muito de crianças, secretamente as chamava e lhes dava aulas. Ele ensinara a Tom ler, escrever, e até um pouco de latim.

Tom Canty não era infeliz. Sua vida era muito dura, mas ele não percebia, já que todas as crianças de Offal Court viviam do mesmo jeito.

Passava muito tempo lendo os livros que o bom Padre Andrew lhe emprestava e pedia-lhe que explicasse as coisas que não entendia. Eram histórias maravilhosas de castelos encantados e deslumbrantes reis e príncipes.

Ficava tão impressionado com aqueles personagens, que vivia imitando seu jeito de falar. Assim, pouco a pouco e sem perceber, seus modos foram ficando mais educados.

Organizou uma corte de brincadeira. Ele era o príncipe; os amigos, os guardas, camareiros, escudeiros, *lords*, damas de honra, a família real. Diariamente, o príncipe de brinquedo era recebido com o cerimonial que Tom aprendera nas suas leituras e discutia os grandes negócios de seu reinado de fantasia.

Depois, ia mendigar alguns tostões, comer sua miserável comida e receber os maus-tratos costumeiros.

Muitas vezes, à noite, cansado e com fome, ficava imaginando que vivia num imenso palácio, vestido com roupas bordadas a ouro e rodeado de criados cheios de salamaleques que executavam suas ordens sem pestanejar. Cada vez mais desejava ver, com os próprios olhos,